

A Fidelidade

Alfeu Trancoso de Campos*

Podemos dizer, com Aristóteles, que a virtude é uma maneira, uma disposição adquirida de ser e de se fazer o bem, o melhor possível. Não é um valor, mas seu resguardo como também se orienta e se funda nele. A virtude é, sim, um comportamento, uma atitude e, portanto, um modo de ser. Ela seria um esforço para se portar bem, já que ser coerente e constante é um dom do virtuoso. Essa atitude implica estar sempre longe dos extremos, tanto no excesso quanto na falta. Sabedoria e bom senso nos indicam a sensatez do meio-termo. “A virtude encontra e escolhe esse meio-termo. Ela é uma mediania” (ARISTÓTELES, 1991, p.33). Como atitude, é uma força de ação e, portanto, um poder. “A virtude satisfaz-se em ser, sem necessidade de regras, palavras etc.” (MONTAIGNE, 1991, p. 114). O lugar do bem não está nos livros, mas nas boas ações e são essas excelências que, desde os gregos, denominamos virtude (*areté, virtus*). A necessidade de procurar agir bem faz da virtude a encarnação dos nossos próprios valores, pelos quais devotamos uma boa parte do tempo de nossa vida, pois cremos que, enquanto existir humanidade, eles serão perenes, já que constituem as vigas mestras do projeto humano. Como testemunho desse fato, apoiamo-nos na tradição que, desde o século VI a.C., na Grécia, alguns pensadores iniciaram uma reflexão sobre as virtudes que, humildemente, buscamos nesse momento comentar.

As coisas mudam incessantemente num fluxo irreversível e, lembrando Heráclito, as águas de um rio nunca são as mesmas, embora alguma coisa de água e de rio permaneça. Em meio a toda essa mudança, algo resta e é esse resíduo que torna possível a identidade. Mesmo todas as águas descendo, algo que não passa é que faz com que o identifiquemos como aquele rio específico. Se tudo fluísse totalmente, eu não poderia reconhecer nada. Pois bem, a esse resíduo chamamos de memória, um dom do espírito e não das coisas. Pertence ao homem e não ao mundo. Há uma certa permanência relativa no mundo dos fenômenos, mas sentimos que isso é contingente,

* Especialista em Filosofia - UFMG. Prof. de Filosofia da PUCMINAS. E-mail: alfeutrancoso@yahoo.com.br

como o constante retorno das estações ou a invariabilidade das leis físicas. A realidade do universo é um fluxo de transformações sucessivas, fazendo com que todas as coisas sejam passageiras. Por isso, para a memória o devir será sempre suspeito, pois a dialética, em seu constante vir a ser, faz do próprio ser um esquecimento. Como sua dinâmica é linear e não cíclica, a própria memória ou os princípios primeiros perdem o sentido no decorrer do processo.

Só o espírito é guardião dessa memória, pois é ela que faz do passado um presente vivo. Pensar, para o fiel, será sempre lembrar, ou melhor, relembrar. É nesse “presente do passado”, como diria Santo Agostinho, que se inicia a gestação do espírito, a forja do presente e do futuro. A cultura de um povo é a forma de organização e manutenção das suas memórias. A lealdade é uma experiência no presente que revive a promessa de um passado que é sempre presença nesse presente.

Na fidelidade, a certeza do momento é uma confiança da memória e a cultura guarda e transporta essa riqueza para o futuro. São essas experiências que tecem as possibilidades de toda aliança e a educação tem um peso essencial na transmissão desses valores. Sem a confiança na memória, as alianças perderiam o sentido. Elas são o conjunto de valores que o espírito protege e do qual cuida no decorrer do tempo histórico. As comemorações, as festas e todos os rituais são os momentos solenes da perenização dessas experiências. O sagrado é o exemplo extremo da perenidade de um acontecimento exemplar que sobrevive ao esquecimento pelo esforço repetitivo dos ritos. O projeto civilizatório só se torna possível por uma fidelidade que protege, preserva e cuida das suas alianças. Amparada pelos valores, pela confiança e pela solidariedade, a fidelidade se sente segura diante do poder degenerativo do tempo.

O acontecimento físico, linear e não cíclico, faz com que o espírito seja o vórtice desse movimento. É das lembranças que a recorrência se alimenta. “Toda dignidade do homem está no pensamento e toda dignidade do pensamento está na memória... o homem só é espírito pela memória e só é homem pela fidelidade” (SPONVILLE, 1998, p.25). As virtudes têm essa característica ímpar de se relacionarem entre si, mas a fidelidade é a base de todas, pois o que “seria da justiça sem a fidelidade dos justos ou a paz sem a fidelidade dos pacíficos?”, continua Sponville. Ser leal é o modo por excelência de ser do homem virtuoso que, a todo momento, é chamado pela voz da consciência a dar um sentido nobre a cada gesto da sua alma. A transmissão de valores é o ato de maior responsabilidade do educador virtuoso, pois a ele está ligado o destino da

continuidade do que é digno. Fidelidade é ser coerente com uma opção, com referências valiosas que devem ser transmitidas pelo exemplo. Não adianta o professor dar uma bela aula se o aluno nota em sua expressão que ele está longe de sua palavra ou que olha a todo momento o relógio, para saber quanto tempo falta para terminar aquele castigo.

A fidelidade como virtude da memória, como cuidado amoroso com as lembranças, é um apego incansável ao passado. À fidelidade cabe valorizar e cultivar o encontro e não a busca. Um pensamento que não tiver o seu registro morre, uma cultura que esquecer os seus valores primeiros se dissolve. Não há pensamento sem lembranças e a fidelidade é esse esforço pela permanência, essa chama sempre acesa que constitui a memória. Para o filósofo, a fidelidade é uma espécie de dever: ele jamais deixará de expressar sua gratidão para com os primeiros pensadores, porque sabe muito bem que representam o sentido e o destino da própria filosofia.

O que seria da filosofia sem as lembranças das primeiras interrogações feitas pelos gregos há quase três mil anos? Fidelidade, nunca é demais repetir, é jamais esquecer de lembrar, de comemorar com gratidão esse passado glorioso do pensamento humano. A despeito das interpretações históricas, o essencial do sentido permanece. Por mais interpretações que teremos de Platão ou de Aristóteles, alguma coisa restará que os faz serem o que são. Isso só é possível pela fidelidade ao pensamento desses filósofos. “A ciência progride e esquece, a filosofia medita e se lembra. Aliás, o que é a filosofia senão uma fidelidade extrema ao pensamento?” (SPONVILLE, 1998, p.31).

O ofício do filosofar, mesmo em sua forma mais específica, está ligado ao conhecimento prévio da história da filosofia. Diferentemente da ciência, a filosofia tem um compromisso carnal com o passado. Nesse aspecto, a fidelidade é parmenídica. O ser é, pois, o que permanece, funda o acontecimento do mundo, que é contingente e passageiro. Nenhum pensamento é novo, nenhuma originalidade é possível sem o alicerce das primeiras interrogações. Ser é permanecer, filosofar é reativar essas experiências primeiras cujo sentido nunca cessa de renascer. Podemos concluir que viver é um cuidado muito desejoso com as lembranças.

A própria atualidade está lastrada de antiguidade e o novo é muito mais velho do que podemos supor. O mais fervoroso revolucionário se revela, muitas vezes, conservador, e o mais convicto moralista esconde também seu lado imoral. Como o deus dos portais, Jano, dos romanos, o homem traz dentro de si essa luta constante entre a permanência e a mudança, a vida e a morte. Toda revolta, toda revolução é transformação, mas também um retorno no tempo, como uma tentativa de salvar um

valor do esquecimento. E podemos observar que a própria história é, ao mesmo tempo, linear, cíclica e pendular. Para o fiel, fora das alianças, dos pactos, só há fragilidade e incerteza. Daí a fidelidade ser a adesão consciente a uma escolha que justifica sacrifícios porque há ganhos. Não somos fiéis no desejo, o somos na escolha dos nossos valores. A fidelidade justifica a ordem moral, pois sua atitude está assentada em valores que merecem ser mantidos. Por isso é preciso saber fazer alianças, pois não se é fiel apenas por ser fiel. Uma aliança má não merece obediência. Portanto, a fidelidade supõe o dom da sabedoria, já que nossas escolhas são a medida de nossas decisões. Do ponto de vista do desejo, que não conhece o encontro, mas somente a busca, a fidelidade é ridícula. Desejo é para ser desejado, dizem os analistas. A fidelidade é também um comportamento ético. Mirem-se no tratamento conferido aos fiéis ao longo da história, do extremo ridículo ao enaltecimento heróico. Um exemplo maior de fidelidade talvez esteja na longa espera de Penélope pelo retorno de Ulisses da guerra de Tróia. Com sua paciência, perseverança e confiança, conseguiu convencer os seus pretendentes a esperar para enfim reencontrar-se com seu amado. A mitologia grega é rica em exemplos de extrema fidelidade, como o dos irmãos Castor e Pólux. Castor mortal, filho de Tíndaro, Pólux imortal, filho de Zeus, embora ambos tivessem uma mãe comum, Leda. Castor ferido numa batalha é encontrado por Pólux à morte. Este pede ao pai Zeus que o deixe morrer junto com ele, renunciando à sua imortalidade. Zeus, compadecido, dá-lhes metade do tempo junto às estrelas – constelação de Gêmeos – e a outra metade imersos na escuridão do Hades.

A fidelidade a nós mesmos e aos nossos princípios significa ser coerente com nossas escolhas e pensamentos. Fidelidade é muito diferente de dogmatismo, pois o fiel não abandona seus princípios, que considera os mais corretos. Discutem-se idéias, mas não princípios. A história comprova que ninguém convence ninguém, a não ser usando recursos extremos como a força, o que torna inválido tal convencimento. As discussões e os possíveis diálogos são muitas vezes um esforço para destruir e substituir os princípios dos outros. Como fiéis, somos raízes bem firmes, mas também asas, permanência e modificação, mudança e conservação. Aliás, para Espinosa, “o esforço para conservar é o primeiro e único fundamento de virtude” (ESPINOSA, 1991, p. 239).

No mundo conturbado da atualidade, a fidelidade é uma virtude pouco cultivada e vista até mesmo com suspeita. Em política, por exemplo, todos sabem que não há amizades, mas interesses. O tratado Ribentrop-Molotov foi feito em função de objetivos estratégicos entre Hitler e Stalin. No jogo do poder, os pactos e as alianças são

feitos para serem rompidos de acordo com as conveniências do momento. Portanto, os valores éticos e morais não têm outro guardião seguro senão a virtude da fidelidade. É através dela que esses valores têm sua continuidade garantida. Repetindo Aristóteles, a virtude é fruto de um exercício, pois aprendemo-la fazendo. Mas fazendo o quê? O melhor do melhor, o mais justo do justo. Somente as boas alianças nos dão a oportunidade de realmente sermos fiéis. Sábio é, antes, aquele que sabe fazer bons pactos, boas amizades; a fidelidade vem naturalmente como consequência dessas ações. Como uma grande parte das pessoas não sabe escolher amigos, parceiros ou fazer pactos, torna-se impossível ser fiel a uma aliança malsucedida porque malfeita. A sabedoria é a medianeira, a base de toda virtude, pois essa tende sempre a suprir-se do que é melhor.

A relação amorosa entre o casal é a mais difícil e desafiadora de todas as alianças. Primeiro porque exige ser fiel para sempre e, segundo, porque terá que renunciar a todas as outras escolhas em função de apenas uma. Esse é o desafio quase intolerável do amor. Para amar, teremos de assumir a liberdade de escolher alguém, mas também a angústia que segue essa escolha, porque toda renúncia está no ato mesmo de decidir. Não temos nenhuma garantia de que nossa escolha seja bem-sucedida. Toda virtude supõe confiança. O amor é a mais profunda das alianças, a mais desejada, mas a mais exigente e difícil de cumprir. Se, depois de tantos anos, meu amor e nós mudamos tanto, como posso ainda ser fiel? É lógico que as coisas não são mais as mesmas, mas aquilo que fundou tal aliança permanece indelével. A fidelidade é essa experiência de gratidão para com o passado. É essa solidariedade com um momento do tempo e que, com a ajuda das outras virtudes, como coragem, justiça, generosidade e amor, é capaz de sustentar com prazer tal decisão. A fidelidade não é uma virtude exercida separadamente das outras; cumpre-se uma, exercendo-se também outras. A fidelidade, como afirma Sponville, é uma filosofia do mesmo, do que resta sempre. Até depois da morte do parceiro, do amigo, ela pode continuar viva nas lembranças. As alianças amorosas se tornam indeláveis quando o seu passado traz a certeza dessa gratidão. O amor a Deus ou as grandes amizades são os gestos supremos dessa atitude.

Para barrar a infidelidade, o amor terá de enfrentar o desejo, essa força poderosa do homem que não aceita nenhuma limitação e recusa toda renúncia. O desejo é sempre uma carência, uma busca, mas nunca um encontro. Encontrar, para o desejo, é morrer. É o lado carente de Eros. Em nossa sociedade de consumo, onde é a mola mestra da dinâmica consumista, o amor fica numa situação desconfortável. Se amor é apego,

como posso trocar de objeto, de pessoas e de caminhos? Nas sociedades pós-modernas, o encontro não tem história, pois só a falta alimenta a fome sem fim do desejo humano. A infidelidade talvez esteja ligada a essa revolta contra o aprisionamento do desejo, como se houvesse dentro de nós uma forte suspeita contra as limitações criadas pela decisão de ser fiel. As sociedades pós-modernas consumistas promovem muito mais a liberdade fantasiosa do desejo do que as obrigações e deveres do amor. Como este não tem história, vai começar justamente onde ela termina. Afinal, o que chamamos de história nada mais é do que o conjunto dos conflitos, das lutas e guerras que marcaram a trajetória de um povo. O herói nunca é um amante fervoroso, mas um guerreiro que conquista os povos e expande territórios.

O amor é também desejo, mas desejo contido, pois é acima de tudo decisão, escolha e certeza de encontro. Amar é ter um objeto definido, porque é também conhecer. Já o desejo não tem objeto e a fantasia predomina sobre o saber. A fidelidade só se exerce como virtude na convicção desse encontro. Só se permite na e pela confiança. Por que a fidelidade no amor é tão difícil? Narciso preferiu morrer a escolher e o horror do espelho mostrou que é impossível fazer alianças apenas com nós mesmos. Preferiu morrer a decidir, isto é, renunciar. O exercício da liberdade e, portanto, das virtudes, implica esse absurdo que nosso narcisismo recusa prontamente. "Quero amar uma e desejar todas", eis a vontade geral que o amor recusa, mas não ignora!

Ao amar, barramos o desejo, encerramos as buscas, festejamos os encontros e comemoramos a felicidade tranquilizadora dos pactos. Como o desejo não termina no amor, mas é controlado por ele, a fidelidade tem nessa aliança o seu maior desafio. Revela-se nessa luta quase impossível contra a tendência irreversível do esquecimento e contra o poder destruidor do tempo, que mata, corrói e sepulta. É preciso um esforço do espírito para manter vivo o passado como condição de viver com esperança no presente e com segurança no futuro. "Você define arbitrariamente o presente como o que é, quando o presente é simplesmente o que se faz... Nada é menos que o presente se você entender, por isso, esse limite indivisível que separa o passado do futuro. Quando pensamos nesse presente como devendo ser, ele ainda não é, e quando pensamos como existência, ele já passou... Nós só percebemos, praticamente, o passado e o presente puro, sendo o inapreensível avanço do passado a roer o futuro" (BERGSON, 1990, p.123).

Hoje, a moderna cosmologia comprovou que, na realidade, só vemos o passado, pois, ao olharmos uma estrela, por exemplo, a luz que chega aos nossos olhos partiu de um astro que talvez nem exista mais. Mesmo qualquer objeto à nossa frente é visto não como ele é, mas como era há bilionésimos de frações de segundo, depois de sua imagem entrar na retina e ser identificada pelo cérebro. Se o sol se apagasse de repente, isso só seria um fato para nós oito minutos depois, tempo que a luz gasta para chegar à superfície do nosso planeta.

Os valores éticos só se tornariam dignos de serem observados, respeitados e continuados pelo apego consciente da fidelidade às nossas escolhas. Podemos ser fiéis a muitos valores, porém nunca a nenhum. Mesmo a revolta é um desejo de recuperar, de retornar a promessas esquecidas. A revolta é também uma fidelidade, pois nega-se a reconhecer a omissão; é uma luta de vida e morte contra o esquecimento e a destruição. Muitas vezes, é mais retorno do que progresso, mais recuperação do que destruição. A revolta é a tentativa de lutar contra a negação da perda e, portanto, um reforço à fidelidade. Todo processo de mudança traz avanços e recuos, pois é tanto transformação quanto salvação e os acontecimentos atuais nos mostram numerosos exemplos. Mais uma vez, afirmamos que só o passado protege o presente e nos garante o futuro. O futuro será sempre algo por acontecer, uma promessa, pois toda cultura, todo valor ético ou moral tem raízes num estágio anterior. Nunca é demais dizer que o desafio maior do fiel é saber que a luta contra o poder desagregador do tempo é constante e que ele nunca pode esquecer de lembrar, de cuidar amorosamente dessas lembranças.

Mas vamos voltar a uma das questões principais do problema: o que é a fidelidade no amor do casal? Por que esse amor vai colocar uma exigência tão difícil de assumir: a de renunciar a todas as outras escolhas amorosas na medida em que decide por apenas uma? No mundo atual, onde sedução e desejo são as molas máximas do estímulo ao consumo, como manter-se fiel a um pacto afetivo dessa natureza? Isso só pode ser mantido pela força de um projeto comum, alimentado pela paixão, pelo amor, pela confiança e pela gratidão ao parceiro. Ser fiel no que se oferece para ser justo no que se recebe. Os casais fiéis sabem, com desmedido prazer, da importância desse trajeto para o sucesso de sua história em comum. Fidelidade é o amor fiel, o amor conservado, diria Sponville. Em um mundo onde é flagrante a rapidez das mudanças, manter a luta contra o esquecimento é um grande desafio para a fidelidade. A solidariedade é esse sentimento que se recusa a abandonar e omitir. Trair é esquecer e ignorar, é a morte da memória pelo abandono e pela omissão. Trair é render-se às

seduções do efêmero, é acreditar que as decisões e os valores são todos relativos no tempo. É desmerecer um compartilhamento consentido, tanto nas suas dificuldades como em suas alegrias. Apesar de tudo isso, ainda podemos levar nossas alianças até o fim, mesmo se quase tudo é fugaz e efêmero, mesmo se o amor é chama, como diria o poeta!

Como há em todos nós um poderoso estímulo que valoriza o infortúnio, a desgraça e a morte, a fidelidade é uma luta contra essa tendência negativista do homem. É uma luta contra a fugacidade do tempo histórico, pois continua a apontar para trás, para um passado que, apesar de toda mudança, permanece como a referência primeira. E por uma ironia da história, muitas transformações políticas contemporâneas que tentaram apagar esse passado acabaram retornando humildemente a ele. Cumpre-se o destino: a revolução retornará sempre à fonte, se quiser continuar. Freud viu com clareza essa questão, ao dizer que o homem dá um passo para a frente e outro para trás. Se esquecer o passado, este ainda continua no seu inconsciente a lhe ditar o comportamento e a personalidade. Falando de outro modo: o que não sei é o que determina o que sou. O homem, para a psicanálise, é histórico, mas também pré-histórico.

A modernidade criou o mito da história como transformação contínua e linear e não se dá conta de que a roda do passado continua girando sem se preocupar com as mais convincentes teorias historicistas. É em função do essencial que a fidelidade se exprime e só por ela o essencial permanece. Assim como as estações comemoram o acontecimento do tempo cíclico, a fidelidade se alegra ao saber que até a natureza de certos fenômenos continua a resistir ao esquecimento. A repetição é um recurso natural da lembrança, daquilo que não quer morrer. Voltamos a afirmar que a natureza é farta em eventos que se repetem matematicamente e, por isso, possibilitam-nos compreender os céus. A nossa própria linguagem é estruturada numa sintaxe em que só nos comunicamos porque repetimos. A festa, o lugar por excelência do encontro, só existe porque há uma data a se cumprir. A festa é um acontecimento para não ser esquecido, é homenagem a uma boa lembrança, uma lembrança exemplar. A fidelidade exprime a constância, a coerência de propósitos, a solidez dos elos com pessoas, grupos ou instituições a que nos ligamos umbilicalmente. Assim podemos dizer, com a poetisa Henriqueta Lisboa, no seu poema "Fidelidade":

“Ainda agora e sempre
o amor complacente...
e se mais ausente a
cada momento tanto
mais presente com o
passar do tempo”...

Gostaria de repetir que talvez o maior exemplo de fidelidade seja a heróica espera de Penélope pelo retorno do seu pretendente Ulisses da guerra de Tróia. Com sua coragem, certeza e confiança, conseguiu superar os obstáculos, as seduções dos pretendentes e outras tramas para, finalmente, reencontrar o seu amado. A fidelidade não é uma obrigação, mas um merecimento.

Bibliografia

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Col. Os Pensadores).

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ESPINOSA, B. **Ética II**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Col. Os Pensadores).

MONTAIGNE, M. de. **Ensaaios**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.(Col. Os Pensadores).

SPONVILLE, André Conte. **Pequeno tratado das grandes virtudes**, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

LISBOA, Henriqueta. “A Fidelidade”. in BENNETT, J. Willian. **O livro das virtudes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.